

ABSIRTO (A.R. 4.338-521): ESTRATÉGIA OU ENTRAVE PARA MEDEIA?

Ana Alexandra Alves de Sousa
alexandra.a.sousa@sapo.pt
Universidade de Lisboa

Medeia é a filha de Eetes, o cruel rei da Cólquida, país longínquo que recebe o nome de Ea (2.417,422), no poema épico do séc. III a.C. da autoria de Apolónio de Rodes, intitulado *Argonáutica*. A princesa apaixona-se por Jasão, o chefe dos argonautas que navegam em demanda do velo de ouro (3.283-298). Pélias, rei de Iolcos, que fora avisado por um oráculo de que se acautelasse contra um homem que haveria de chegar ao seu reino, calçado com uma só sandália, impusera a Jasão a busca do velo (1.3, 5-17). Conhecedora de magia, devota da deusa Hécate (3.477-478), Medeia ajuda o grego a superar as provas que Eetes lhe impõe (3.737-739), encanta a serpente que guarda o velo (4.146-ss) e parte com os gregos (4.104). O barco em que navegam é extraordinário: construído com a ajuda da deusa Atena (1.111-112), é veloz (2.930-935), sólido (1.4) e tem uma trave que fala (1.526). A partir do seu nome, Argo, que deriva do nome do seu construtor, designam-se todos os que fazem parte da expedição: os argonautas.

Medeia tem no poema helenístico dois irmãos: Calcíope e Absirto. Calcíope é mãe dos filhos de Frixo, o jovem filho de Átamas, rei de Orcómeno, que chegara a Ea no velo do carneiro alado. Para escapar ao ódio de Ino, sua madrastra, e aos intentos mortíferos de seu pai (2.1181), Frixo foge juntamente com a irmã Hele, que não chega ao fim da viagem, debruçando-se e caindo no Helesponto (1.256-259). Ao chegar a Ea sacrifica o carneiro que o transportou (2.1141-1147). É recebido hospitaleiramente por Eetes que lhe entrega Calcíope em casamento (2.1148-1150). Aos quatro filhos que tivera de Calcíope pede, ao morrer, que vão a Orcómeno reclamar a opulenta herança (2.1093-1096).

Absirto é um jovem cujo cognome, Faetonte, com que era conhecido pelos mais novos (3.245-246), lhe confere o brilho da juventude. Era auriga de seu pai (3.1235-1236; 4.224-225), que nele tem grande confiança (3.604), como confirma o facto de chefiar uma das duas expedições de resgate da irmã (4.305). Deduz-se que seria temente aos deuses, pois, em plena perseguição, não ocupa as ilhas consagradas a Ártemis (4.333-334). As suas

características parecem torná-lo, como diz Byre, 1996, p. 12, uma “imagem-espelho” de Jasão, , também ele jovem, piedoso¹, admirado e respeitado².

Absirto é morto à traição numa cilada noturna preparada pela irmã e executada por Jasão. Seduzido por oferendas diplomáticas, enviadas como engodo, em nome de um falso acordo estabelecido entre os dois povos (4.422), atraído pela mensagem que Medeia lhe transmitira pelos arautos (4.43) e por drogas inebriantes que esta espalhara nos ares e nos ventos (4. 442-443), o jovem dirige-se ao local sagrado (4.456-458). Aí julga pôr a irmã à prova ao fazê-la conceber um ardil contra os gregos (4.462). Nesse momento, Jasão, que se encontrava emboscado, mata-o traiçoeiramente (4.464-465)³.

Apolônio rejeitou as versões que apresentam um Absirto criança⁴, uma Medeia perpetradora única do crime⁵ e a localização deste na Cólquida⁶. O episódio épico, lido à luz da tragédia, coloca a ênfase na relação do casal⁷ e na barbárie do ato, que lembra o filicídio em Eurípides e transforma Medeia “numa feiticeira assassina”⁸. Mas convém ter presente que o amor do par se insere num quadro mais amplo, objeto da narrativa – a viagem –, e que os heróis do poema são os argonautas considerados no seu conjunto. Além disso, se o poeta

¹ Lembremos que Jasão, antes de partir, consulta o oráculo de Delfos (1. 209-210) e sacrifica a Apolo (1.353-355), construindo um altar ao deus pela sua proteção (1.359-362).

² Sobre a eleição de Jasão como chefe da expedição cf. Hunter, 1988, p. 442; Mori, 2008, pp. 52-53, 64-74. No passo em que os argonautas elegem o seu chefe, Jasão recebe o epíteto de ἀρχηγός (1.439; cf. 2.122 e 3.1259-1261), o que gera alguma controvérsia interpretativa entre os estudiosos; cf. Beye, 1982, pp. 31, 82-83.

³ Geralmente os estudiosos interpretam a morte de Absirto como um ato não heróico e um crime desumano e detestável; cf. Beye, 1969, p. 53; Porter, 1990, p. 264; Clauss, 1993, p. 24; Sansone, 2000, p. 167. Para Lawall, 1966, pp. 147, 167 o piedoso Jasão cede a outros interesses na ilha de Ártemis. A dificuldade de interpretação do ato de Jasão leva, por exemplo, Hunter a torná-lo evocativo do desmembramento de Absirto-criança da versão trágica (1993: 21). O estudioso, aliás, considera que aponta no mesmo sentido a declaração de Jasão de que devia ter preferido que lhe partissem membro por membro a aceitar a ordem de Pélias (2.626). Não vemos por que razão haveria Apolônio de Rodes de querer evocar essa versão do mito, se a rejeitou.

⁴ Segundo Ferecides, Absirto foi tirado do berço para embarcar na expedição; Medeia tê-lo-á sufocado e atirado ao rio Fásis quando se viu perseguida (Pherecyd. fr. 73 a).

⁵ E. *Med.* 167, 1334. O escoliasta de E. *Med.* 167 (Schwartz, 1887) considera que Medeia matou o irmão com veneno. Em Apollod. 1.9.24 Medeia, que levava consigo Absirto, desmembrou-o quando viu o pai aproximar-se; esta versão serve de explicação ao topónimo Tómis (do gr. τέμνω), lugar onde Eetes enterrou os membros do filho resgatados ao mar. Em Ov. *Tr.* 3.9.25-28 fica claro que ela é a autora do crime, tal como em Sen. *Med.* 131-133, 486-487. Em Call. fr. 8 e em S. fr. 343 Radt não se percebe quem mata Absirto. Em Hyg. *Fab.* 23 é Jasão que o mata.

⁶ Eur. *Med.* 1334. Na tragédia *Medeia*, de Séneca, não é claro se a morte de Absirto ocorrera antes ou depois de deixar a pátria.

⁷ Hutchinson 1988: 128 vê o ato de Medeia contra Absirto como o início da deterioração da relação do casal.

⁸ Byre 1996 3.

pretendesse com este episódio salientar a perfídia de Medeia, seria preferível que ela realizasse o seu ato sozinha.

O paralelo com a tragédia é reforçado pela forma como a colca reage⁹, quando, indignada e ressentida, se convence de que iria ser restituída ao pai. O seu ressentimento advém de uma insegurança, de que dera provas ao hesitar entre o suicídio e a vida (3.806-819). A sua indignação deriva de ser filha de Eetes, de quem se revela herdeira legítima nos excessos coléricos que a levam a pensar incendiar Argo (4.391-392), tal como o pai (3.582)¹⁰. A promessa de casamento que Jasão lhe faz diante dos argonautas, no momento em que embarca (4.95-98), deveria tranquilizá-la, não fosse o modelo paterno ter-lhe incutido uma desconfiança xenófoba. Com o pai, que Medeia reconhece diferente de Minos (3.1106-1107), aprendera que os acordos não são fiáveis (3.1105-1108)¹¹, por isso é-lhe fácil entrever intenções de os violar.

Não são apenas os modelos educativos e a consciência dividida de Medeia (4.360-362) que explicam o seu juízo. Atribuir uma intenção dolosa aos argonautas advém do facto de ainda se considerar – e ser realmente sentida assim – um elemento forasteiro. Não esqueçamos que apenas tinha uma promessa de casamento; na verdade, ainda não era a mulher de Jasão. Aliás, o sentimento que os argonautas têm de que é uma intrusa, cuja presença passou a causar-lhes problemas, fica bem claro, quando o grego lhe diz de forma inequívoca: “por tua causa” (4.398). De facto, os colcos, dispostos até a abdicar do velo (4.341-349), perseguiram os argonautas apenas por causa de Medeia. Eetes explicara-lhes, de forma clara e até bastante violenta, que sem a filha nem valeria a pena pensarem em regressar (4.230-235).

Medeia dispõe-se a fazer Absirto cair nas mãos dos gregos (4.415). Declara ela, em colóquio privado com Jasão (4.352-354), que não se oporia a um assassinio, caso o plano lhe “agradasse” (4.419-420). Não nos parece que seja o ludíbrio que a leva a um diálogo a sós, pois em vários momentos do poema, vamos encontrar, colóquios privados como o de

⁹ Cf. E. *Med.* 475-482 e A.R. 4.361-368. O contexto é, no entanto, diferente. Em Eurípides, o abandono é inequívoco; em Apolónio, Medeia não tem a certeza do que se prepara realmente.

¹⁰ Mori 2008: 125.

¹¹ Mori 2008: 172.

Hipsípila, quando explica ao chefe dos argonautas as intenções acolhedoras das mulheres de Lemnos (1.848) ou o de Argo quando instrui Jasão sobre o momento ideal para ir ao encontro da princesa colca (3.913-916). Também não nos parece que o plano gizado por Medeia contrarie o *modus faciendi* de Jasão, que explica que nas negociações em curso havia dolo (4.404). A aceitação imediata da estratégia proposta poderá significar até coincidência com o plano por si concebido, se partirmos do princípio que o herói fala verdade ao dizer-lhe que não pensava restituí-la à família¹².

Poderíamos defender que Jasão adere à ideia condicionado pelo medo, já que, em resposta às ameaças e queixas da princesa, o narrador lhe atribui receio, *ὑποδδείσας* (4.394)¹³. Parece-nos, todavia, que, depois de a escutar, o que o grego sente é apreensão pelos seus excessos coléricos¹⁴. Na realidade, Jasão durante toda a viagem domina Medeia e domina a tripulação. No momento em que aquela embarca, ele segura-a com firmeza, evitando que se atirasse ao mar (4.108); quando obtém o velo de ouro, ao chegar ao barco, impede os companheiros de tocarem no velo e instala a jovem na popa (4.187-189)¹⁵; em Eeia ordena, com sucesso, que a tripulação resista ao convite de Circe e faz avançar Medeia (4.688-689), que volta a guiar pela mão, trémula de medo, quando deixam ambos o palácio da feiticeira (4.750-752). Inúmeras situações mostram que o Esónida está atento, pronto a reagir e se sobrepõe aos demais sempre que é necessário.

A ideia estratégica de suprimir, primeiro, Absirto e, depois, os colcos por ele liderados é expressa, primeiro, por Jasão (4.405-409). Medeia concebe, portanto, um plano dentro de

¹² Defendem que Jasão estaria a tentar enganar Medeia Fusillo 1985 264-265; Margolies 1981 191-194. Para Byre 1996 7-8 Jasão improvisa rapidamente um plano “para aliviar os medos dela e acalmar a sua ira”, mas “pode bem estar a dizer a verdade”. Para Vian 2002 3 21-22, Jasão fala com honestidade.

¹³ A “ira pesada” com que Medeia fala (4.391) leva o seu interlocutor a manifestar uma atitude apaziguadora, repetindo um comportamento que tivera diante de Eetes, que reage de forma encolerizada à explicação de Argo (3.368 e 385-ss). O verbo *ὑποδδίδω* que também identifica o estado de espírito de Argo, apreensivo com a forma como Eetes reage às suas palavras, não significa medo, tanto mais que em resposta à intempestiva e ameaçadora reação do rei, o argonauta sente logo um fortíssimo ensejo de lhe responder (3.382-384), não fosse Jasão o travar (3.384-385).

¹⁴ Medeia não infunde temor em Jasão, não obstante este assustar-se com o que transcende a compreensão humana. Assim, por exemplo, no momento em que assiste ao encantamento do dragão experimenta um pavor compreensível face a tão colossal, invulgar e terrífico animal (4.149). Jasão, que é um homem realista, atento, cauteloso, de espírito prático, sente o medo que, em todas as épocas, os homens sempre sentiram, e hão de sentir, quando a amada ousa comportamentos que a razão nunca poderá explicar.

¹⁵ Jasão não tem, na nossa perspetiva, um papel passivo no episódio do velo, como defende Hunter 1988: 451-2.

um espírito que parece ser o de todo o grupo. Na verdade, já após a morte de Absirto, Peleu fala, na assembleia, dos efeitos da morte de um chefe para os seus subordinados, de forma a destacar o benefício que colheriam do ato executado (4.497-500). Fica assim evidente que o grupo concorda com o plano. Aliás, se o coletivo discordasse, acabaria por se ouvir alguma voz opositora, como aconteceu em Lemnos, quando Héracles reagiu à forma como a tripulação se devotou às delícias do amor (1.865-874); ou, na Cólquida, quando Idas se revoltou (3.558-563) contra o plano de Argo (3.475-483; 523-539) de procurarem o auxílio de Medeia. Jasão nunca agiria nem contra, nem às ocultas da tripulação¹⁶, ele que defendia a decisão apoiada na opinião da maioria (3.172-175; 4.1336).

O facto de todos aceitarem o plano implica que não estava em risco a dignidade heroica de quem o executa. Matar à traição, *δολοκτασία*, não debilita o estatuto de Jasão. Aquiles também mata traiçoeiramente o jovem Troilo, fazendo-lhe uma emboscada em local sagrado, perto do templo de Apolo. Este episódio, muito representado em vasos áticos do séc. VI, tem por vezes a presença da irmã Políxena, o que reforça o paralelo entre as duas situações. Parece, assim, que a *δολοκτασία* não seria “culturalmente codificada como um ato vil ou cobarde”¹⁷. E, embora a epopeia homérica não aluda à morte de Troilo, refere, todavia, as emboscadas, *λόχοι*, às quais a elite se dedicaria, quando Aquiles censura Agamémnon por não estar a tomar parte nelas (*Il.* 1.227-228).

Quando, após a morte de Absirto, Medeia faz o sinal que a tripulação esperava para atacar (4.483), por um lado, fica evidente a cumplicidade do grupo no ato; por outro lado, clarifica-se o lado em que a colca se situa, começando, assim a alterar-se o seu estatuto. Na verdade, depois do massacre dos colcos, ela participa pela primeira vez numa reunião dos argonautas (4.493)¹⁸. Já em Drépano, na corte de Alcínoo e Arete, em resposta à ameaça da segunda expedição, Medeia, além de suplicar à rainha, dirige-se a cada um dos argonautas (4.1011-1013). Este é o momento em que o coletivo mostrará se a considera ainda um

¹⁶ O facto de Jasão valorizar o apoio do grupo nem sempre origina interpretações positivas, cf. Rosenmeyer 1992 184-192.

¹⁷ Mori COMPLETAR

¹⁸ Vian p. 91, n. 6, chama a atenção para esta presença de Medeia, que contrasta com a posição marginal que até então tivera nas deliberações do grupo.

elemento alheio à expedição ou se já a integrou. Nessa altura a jovem vê confirmada a integração, pois todos lhe garantem ajuda e, prontos a combater por ela, desembainham as espadas, num gesto típico de conjurados (4.1055-1057). Confirma-se, portanto, que a morte de Absirto é consequência de uma conjura. E, como seria de esperar, uma ameaça a um dos implicados leva o coletivo unir-se, predisposto a lutar por qualquer um dos seus pares, neste caso, predisposto a lutar por Medeia.

Uma vez definido o seu lugar como argonauta, restava-lhe ainda ser aceite pelos demais povos, o que implicava legitimar a sua relação com Jasão. A mulher grega passa, juridicamente, da tutela do pai para a do marido, por isso Alcínoo declara a Arete que só não a restituiria ao seu povo, se o par se tivesse já unido (4.1106-1109). A morte de Absirto, que viera como representante legal, *ἀοοσητήρ*, de Medeia (4.406), resolve o conflito jurídico, uma vez que elimina o obstáculo ao casamento legal da jovem. Com a morte de Absirto pode ser satisfeita a condição de Alcínoo e a palavra de Jasão fica cumprida.

Mas o ato que resolve o conflito jurídico e, ao mesmo tempo, permite honrar um compromisso selado em nome de Zeus e de Hera Conjugal (4.95-96) é o mesmo que desencadeia a cólera divina (4.558). Pela primeira vez – e única (o que torna o episódio de Absirto o ponto nevralgico do livro IV¹⁹) – Zeus encoleriza-se com os heróis, impondo-lhes errância e purificação:

“Assim que Absirto tombou estrondosamente, em toda a sua magnificência, a ira apoderou-se do próprio Zeus, rei dos deuses, por terem agido assim; decretou ele que, pelos propósitos de Circe de Eeia, haveriam de se purificar do deletério sangue e que mil sofrimentos haveriam de experimentar antes do regresso.”²⁰

(4.557-561)

Repare-se que a ira do deus não recai apenas sobre Medeia, mas sobre o grupo no seu conjunto. O caráter monstruoso do derramamento de sangue dentro da família não podia

¹⁹ Mori 2008: 143, 187-ss; cf. Sousa 2012:

²⁰ *Αὐτόν που μεγαλωστὶ δεδοπότης Ἀψύρτοιο/ Ζῆνα, θεῶν βασιλῆα, χόλος λάβεν, οἷον ἔρεξαν·/ Αἰαίης δ' ὅλοδ' ἐκμήρατο δῆνεσι Κίρκης/ αἶμ' ἀπονισαμένους πρό τε μυρία πημανθέντας/ νοστήσειν* (Vian, p. 94)

desencadear senão horror e reprovação, como no caso de Orestes²¹. Por isso, em pleno crime, o medo de ter desencadeado a fúria das deusas que vingam os crimes de sangue, as Erínias (4.475-476), faz Medeia desviar o olhar e cobrir a cabeça (4.465-466). A mancha de sangue que lhe macula as vestes representa a mácula que terá de purificar, por ter derramado sangue dentro da família²².

Como forma de castigar o grupo do ato nefando, até chegar ao país daquela que os purificaria, ou seja, a Eeia, de dia, respiravam os fétidos vapores do corpo queimado de Faetonte, filho do deus, que emanavam dos afluentes do Erídano (4.620-623); de noite, escutavam os sonoros e agudos lamentos das Heliades que o pranteavam (4.624-625). Este suplício pode ser lido como uma punição por terem conjurado a morte de Absirto, pois também este era conhecido pelo nome de Faetonte. A relação entre as emanações nauseabundas e a morte do filho de Eetes fica sugerida por serem ambas “intoleráveis”, *ἄσχετον/α* (4.622, 742). Os odores e os gritos insuportáveis são o reverso dos cheiros inebriantes que haviam servido de engodo para o encontro fatal.

Depois de Absirto, que insere Medeia no grupo; depois de Circe, que purifica o par da mácula de um assassinio em local sagrado, contra um irmão; depois de Alcínoo, que dá fundamento legítimo à união, Medeia comprova o seu novo estatuto no episódio de Talos.

Diante do gigante de bronze, perante o qual toda a tripulação desejosa de fuga estremece de medo (4.1650), a colca destaca-se:

“Ouvi-me: penso que sozinha consigo prostrar para vós este homem,
quem quer que ele seja, ainda que de corpo totalmente feito de bronze,

²¹ Jasão evoca sobretudo Orestes, afastado do palácio real para poder crescer em segurança e necessitado de purificação depois de cometer um crime que torna o visado – Egisto (E. El.839-843) e Absirto (A.R. 4.468) – uma vítima de sacrifício (Hunter, 1988: 449). As semelhanças entre a morte de Absirto e a morte de Agamémnon são sugeridas pelo facto de A.R. 4.468 reformular *Od.* 4.535: “depois que Agamémnon jantou, Egisto matou-o como a um boi” (Lourenço 2003 81, cf. *Od.* 11.411).

²² Discutem os estudiosos se a mancha resulta ou não de um ato deliberado. Para Fränkel 1968 498, Beye 1982 164, Hutchinson 1988: 127 Absirto lança propositadamente o sangue que apanha com as suas mãos; Bremer 1987 425, Byre 1996 14 defendem a ideia contrária. Intencional ou não, a presença do sangue simboliza o envolvimento de Medeia no crime.

a menos que tenha uma força vital invencível”²³

(4.1654-1656)

Explica então claramente o que teriam de fazer para a deixar agir (4.1654-1658). Isola-se do grupo, mas não é como estrangeira que atuará. O seu destaque advém, é certo, da sua singularidade: são os seus conhecimentos singulares que lhe permitem derrotar o inderrotável. Mas Jasão mostra aos argonautas como a devem olhar ao dar-lhe a mão assim que ela acaba de falar (4.1663). A mão é sinal do compromisso que os une: no primeiro encontro a sós, a jovem agarrara a mão direita do grego (3.1067-1068), gesto que este retribuía (4.99), antes de a fazer embarcar, no momento em que prometera desposá-la²⁴, agora, ao dar-lhe a mão está a lembrar ao grupo o estatuto de esposa legítima que já alcançara.

Mas, neste momento da viagem, os argonautas não vêem Medeia apenas como mulher do seu chefe. O recurso ao termo *μητις*, por parte do narrador, para classificar o seu plano (4.1661), elucida a forma como o grupo a escuta, expectante como antes, se haviam sentido ao ouvir Anfidamas. Este argonauta falara da necessidade de uma estratégia adequada (2.1050) para enfrentar os pássaros da ilha de Ares, à semelhança do que Héracles fizera com as aves do lago Estinfalo (2.1058). A ideia de Anfidamas é classificada pelo narrador como um “eficaz artifício”, *ἐπίρροθος μητις* (2.1068). Apesar de a demonstração de *μητις* não ser exclusiva dos argonautas, ela é imprescindível, quando há que superar certos obstáculos. São usuais no poema as situações em que um dos tripulantes da nau se destaca para dar provas da sua *μητις* diante do grupo, com a explicação prévia de um plano. Assim, de novo, quando Argo sugerira que procurassem a ajuda de Medeia, ele próprio classificara como um “artifício” o plano que propusera (3.475). E de “artifícios” fala também Mopso, quando, para secundar as palavras de Argo, designa como “artifícios” as estratégias usadas para persuadir a jovem princesa

²³ *Κέκλυτέ μεν· μούνη γὰρ οἶομαι ὕμμι δαμάσσειν/ ἄνδρα τὸν ὅς τις ὅδ’ ἐστί, καὶ εἰ παγχάλκεον ἴσχει/ ὦν δέμας, ὅππότε μὴ οἱ ἐπ’ ἀκάματος πέλοι αἰών* (Vian, p. 140).

²⁴ A Hipsípyle, pelo contrário, nunca faz promessas falsas para conseguir um acolhimento hospitaleiro, recusando a realeza e a ilha que ela lhe oferece (1.836-841). No acordo que estabelecido com Hipsípyle, Jasão não agarra, *αἰρέω* (3.1067), nem encaixa, *ἀραρίσκω* (4.99) a sua mão na da jovem, apenas lhe toca a dextra (1.842).

(3.548). Em suma, no episódio de Talos, ao lermos que os argonautas “esperavam ver que inopinado artifício ela poria em prática” (4.1660-1661) fica claro que todos já a integraram no grupo, ouvindo-a como antes ouviram Anfídamas ou Argo.

Medeia, que não partiu com os argonautas, regressa com eles, como os filhos de Calcíope também regressam, depois de resgatados ao mar. No entanto, enquanto estes são gregos, por parte do pai, e é como gregos precisamente que iam a Orcómeno reclamar a sua herança, na nau que Eetes lhes dera, Medeia é uma estrangeira, que, além do mais, vai integrar uma expedição na qual não há uma única mulher. Facto tanto mais notório quanto Jasão recusara a presença de Atena entre os argonautas²⁵ por recear os efeitos da proximidade do sexo feminino (1.771-773). Para que o embarque da jovem colca na nau grega se torne definitivo, ela tem de conquistar um novo estatuto no novo espaço. Sendo mulher e sendo estrangeira travará uma luta mais terrível do que a de Jasão, porque mais solitária²⁶.

O episódio de Absirto faz a transição para um fecho que tem lugar em Drépano com o matrimónio do par. Perante o gigante de bronze Medeia surge já apoiada pelo marido que lhe dá a mão, ao mesmo tempo que gera expectativas com o seu “inopinado artifício”, como outros argonautas haviam feito, com outros “artifícios”. Os seus atos na epopeia helenística devem, portanto, ser lidos tendo em conta que os heróis do poema são todos os que viajam na nau Argo, aos quais passa a pertencer a princesa de Ea. Ao conceber a “funesta morte”, segundo comentário do narrador (4.450), ela transforma a perseguição dos colcos, entrave à sua fuga, na estratégia que a vai igualar aos demais gregos. O sangue do irmão que lhe macula a veste (4.471-474) representa o “batismo de sangue” do novo argonauta. A morte de Absirto é para Medeia a oportunidade quer de provar a escolha que fizera quer de abrir caminho para tornar legítima a declaração feita ao grego de que é sua “filha, esposa e irmã” (4.368)²⁷.

²⁵ Cf. Vian, t.2, 2002 88, n. 4.

²⁶ Não nos parece nem que Medeia se assuma como antagonista nem que obrigue Jasão a partilhar com ela a narrativa, como se Jasão perdesse relevância, segundo opinião sustentada por Beye 1982: 36. De facto, os *ἄεθλοι* impostos por Eetes foram superados e concluídos, mas o *κάματος* dos argonautas, os heróis do poema, continua (4.1, 37, 364, 384, 993, 1276, 1320, 1374, 1433, 1584, 1776). J.J. Clauss 1997: 150, defende que Medeia não rouba o papel a Jasão.

²⁷ Note-se a inversão de perspetiva relativamente ao poema homérico: enquanto Andrómaca se focaliza no marido (“Heitor, tu para mim és pai e excelsa mãe; és irmão/ e és para mim o vigoroso companheiro do meu leito”, Lourenço 2005 144), Medeia opta por falar daquilo que ela é para Jasão

(“Declaro que é como tua filha e como tua esposa/ e como tua irmã que te sigo para a terra da Hélade”), o que talvez não seja tanto uma contestação ao código grego que a faz passar da tutela do pai para a do marido (Byre1996 9), quanto uma forma de aliar o papel que tivera e a vontade que demonstrara a esse código, que a salvaguardaria. Ela procura, de forma desesperada, com todos os argumentos disponíveis, convencer Jasão.

REFERÊNCIAS

- C. R. Beye (1982), *Epic and Romance in the Argonautica of Apollonius*, Carbondale.
- C.R. Beye (1969), "Jason as Love-Hero in Apollonios' *Argonautica*", *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 10: 31-55.
- J. M. Bremer (1987), "Full Moon and Marriage in Apollonius' *Argonautica*", *Classical Quarterly* 37, 423-426.
- C. Byre (1996), "The Killing of Apsyrtus in Apollonius Rhodius' *Argonautica*", *Phoenix*, 50, 1, 3-16.
- J. J. Clauss (1993), "Conquest of the Mephistophelian Nausicaa: Medea's Role in Apollonius' Redefinition of the Epic Hero", *Medea*, eds. James Clauss and Sarah Johnston, Princeton, New Jersey, Princeton University Press.
- J. J. Clauss (1993), *The Best of the Argonauts: The Redefinition of the Epic Hero in Book One of Apollonius' Argonautica*, Berkeley and Los Angeles.
- H. Fränkel (1968), *Noten zu den 'Argonautika' des Apollonius*, Munich.
- M. Fusillo (1985), *Il tempo delle Argonautiche: Un analisi del racconto in Apollonio Rodio*, Rome.
- R. L. Hunter (1987), "Medea's flight: the fourth book of the *Argonautica*", *Classical Quarterly* 37, 129-139.
- R. L. Hunter (1988), "'Short on Heroics': Jason in *Argonautica*", *Classical Quarterly* 38, 436-453.
- R. L. Hunter (1993), *The Argonautica of Apollonius of Rhodius. Literary Studies*, Cambridge, University Press.
- G. O. Hutchinson (1988), *Hellenistic Poetry*, Oxford.

G. Lawall (1966), "Apollonius' Argonautica: Jason as Anti-Hero", *Yale Classical Studies* 19, 121-169.

M. J. M. Margolies (1981), *Apollonius' Argonautica: A Callimachean Epic*, Diss. Colorado.

A. Mori,

J. R. Porter (1990), "Tiptoeing Through the Corpses: Euripides' Electra, Apollonius, and the Bouphonia", *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 31, 255-280.

T. G. Rosenmeyer (1992), "Apollonius lyricus", *Stlt* 10, 177-197. (BYRE1996)

D. Sansone (2000), "Iphigeneia in Colchis" in M. A. Harder, R. F. Regtuit, G. C.

Wakker (eds.) *Apollonius Rhodius*, *Hellenistica Groningana* 4. Leuven, 155-172.

F. Vian (2002), *Apollonios de Rhodes, Argonautiques*, 3 vols., Paris, Les Belles Lettres.